

**GOMES, PAULO CÉSAR DA COSTA. O LUGAR DO OLHAR:
ELEMENTOS PARA UMA GEOGRAFIA DA VISIBILIDADE.
RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2013. 320P**

Elizângela Justino de Oliveira¹

1Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: elizangelaoliveirarn@gmail.com

Resenha recebida em 03/01/2015 e aceito em 15/04/2015

O livro de Paulo César da Costa Gomes¹ – *O lugar do Olhar: elementos para uma Geografia da Visibilidade* - está dividido da seguinte forma: a Introdução (visibilidade e espacialidade), que apresenta duas subseções intituladas “Duas advertências a considerar” e “Uma questão de posição: ponto de vista, composição e exposição”; seguida de duas partes: a primeira, chamada “Exposição de motivos: visita guiada”, com 25 capítulos, e a segunda - “No olho da rua: visibilidade e espaços públicos” - que é dividida em 18 capítulos. Por fim, a Conclusão, intitulada “Um lugar para a observação: olhares geográficos”.

Na primeira subseção da Introdução, acima denominada, o autor explica o fato paradoxal de um livro que se propõe a discutir imagens se apresentar sem nenhuma delas no seu corpo, devendo-se isto, segundo ele, às dificuldades para acesso e veiculação destas, cada vez mais protegidas por um aparato de direitos patrimoniais - motivo da opção pelas de

¹ Toda a formação do autor é em Geografia, realizando parte de sua formação acadêmica na Universidade Federal do Rio de Janeiro e parte em universidades na França, nas Université Paris-Sorbonne e na Université de la Sorbonne Nouvelle, onde obteve o título de Doutor em Geografia (1992) e pós Doutorado (2005), respectivamente. Desde 1995 é professor do Departamento de Geografia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor visitante em inúmeras universidades da França, entre elas: na Université de Reims (2007), Université Jean Moulin Lyon 3 (2004), Université de Pau et des Pays de l'Adour (2001), Université de La Rochelle (1998-2001). Foi também professor visitante no Canadá, na University of Ottawa (1996-2002).

A mais recente obra do autor, a qual pretendemos analisar, mesmo de forma sucinta, - “O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade” -, foi publicada em 2013 pela editora do Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. O geógrafo Paulo César da Costa Gomes se constitui em um dos principais estudiosos da área, tendo contribuído significativamente para o avanço dos estudos geográficos no que se refere à história do pensamento da Geografia, à epistemologia, e à Geografia Política, se debruçando sobre temas como: Epistemologia da Geografia, Território, Espaço Público, Cidadania e Cultura - temas estes amplamente discutidos em suas principais obras, tais como: Geografia e Modernidade (1996); A condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade (2002).

domínios públicos -, dispondo para o leitor o endereço eletrônico para acesso a essas mesmas imagens.

Adverte ainda o autor sobre o fato de a obra ser escrita por um geógrafo que busca uma nova abordagem para o tema em foco, que envolve imagens - a partir, portanto, de um ponto de vista geográfico. Ainda na Introdução, o autor expõe o principal objetivo da obra e os questionamentos que nortearam sua construção, buscando, assim, entender as possíveis relações entre imagens e posição no espaço. Dentre os questionamentos a que o livro busca responder, encontram-se: Como a disposição espacial colabora para o fenômeno da visibilidade? e De que maneira a organização espacial intervém na percepção que as pessoas têm das coisas e na atenção que se dispensa a estas?

Para a discussão empreendida na obra, o autor parte do seguinte pressuposto: que nosso olhar é potencialmente um consumidor de imagens e nossa atenção é permanentemente solicitada por várias formas, cores e significados, e que, nesse universo de múltiplas e contínuas possibilidades para o olhar, algumas imagens conseguem prender a “sua” atenção, recortando-lhe assim um campo de visibilidade privilegiado, de modo que, enquanto essas imagens se tornam objetos centrais da atenção, as outras imagens tornam-se desinteressantes ou a não ser percebidas, colocando-se, de certa forma, no campo da invisibilidade.

Na segunda subseção da Introdução - “Uma questão de posição: ponto de vista, composição e exposição” -, Gomes conceitua a ideia de espacialidade, além de realizar uma discussão sobre as três noções essenciais aos fenômenos que tratam da visibilidade, a saber: ponto de vista, composição e exposição.

Na primeira parte do livro - “Exposição de motivos: visita guiada” -, o autor trata das questões mais gerais da visibilidade, sobretudo aquelas que dizem respeito ao espaço, sendo o elemento central de sua análise a imagem.

Gomes pontua que *olhar* é diferente de *ver*. “Ver significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentro desse grande campo visual construído pelo olhar” (p. 32). Neste sentido, a visibilidade que certos lugares proporcionam é desigual, pois a atenção que confere a visibilidade é atraída por algo que desperta interesse. Logo, uns objetos ou lugares, por serem interessantes, apresentam visibilidade, são *visíveis*, enquanto outros, desinteressantes, tornam-se *invisíveis*.

Neste sentido, “a visibilidade é um fenômeno que está estritamente relacionado à posição daquilo que é visto no espaço” (p.33), ou seja, à espacialidade, pois, quando se olha e se vê algo, o sistema de referência é espacial. O que torna um objeto ou lugar visível do ponto

de vista geográfico é a posição, logo a espacialidade é uma condição fundamental para a visibilidade.

Na obra, três elementos de dimensão espacial são importantes para determinada espacialidade vir a obter visibilidade. São eles: a posição, a composição e a exposição. O autor cita como exemplo a posição, a composição e, conseqüentemente, a exposição das barracas vermelhas à margem do Canal Saint-Martin, em Paris, no ano de 2006. A manifestação abordava uma antiga questão social: os moradores de rua, ou seja, uma velha questão social que ganhou visibilidade a partir da composição de uma cena repleta de elementos iconográficos, que atraíram a visibilidade de todo o país.

No decorrer da primeira parte do livro, Gomes também apresenta os três elementos fundamentais para a caracterização da visibilidade, conforme a abordagem na presente obra, quais sejam: “a morfologia do sítio onde ocorre, a da existência de um público e a da produção de uma narrativa dentro da qual aquela coisa, pessoa ou fenômeno encontra sentido e merece destaque”. Esta ideia, que é a tese do livro, é sempre retomada ao longo de toda a obra (p. 38, p. 90, p. 131, p. 210, p. 230, p. 247, p. 278, p. 297, p. 318). Tais elementos vêm a interferir diretamente na espacialidade do olhar.

Outra ênfase dada pelo autor na obra é aos regimes de visibilidade. Neste sentido, ele revela que a exposição de uma imagem faz parte de regimes de visibilidade, assumindo essa imagem um caráter expositivo ou permanecendo, de acordo com a sua composição, em pontos cegos. Tais regimes são denominados pelo autor de: regime ordinário “aquele que faz parte do cotidiano” (p. 51) e regime extraordinário, aquele que “capta a atenção, cria ou se associa a um evento, tem impacto, mobiliza e interfere nessa ordem do cotidiano” (p. 51). No geral, os regimes de visibilidade “são protocolos que guiam as formas de olhar, as direções do olhar, que determinam o que deve ser visto” (p. 317)

Nesta perspectiva, o autor cita alguns exemplos, a fim de deixar as questões supracitadas mais claras. Os quadros expostos em museus ou galerias de arte, por essa posição espacial (estar em situação de exposição no museu ou galeria de arte), constituem um desses exemplos, pois já informam previamente que se trata de objetos que possuem um valor artístico, cultural ou histórico. É sua situação espacial que indica tal prerrogativa.

“A fonte” (1917), de Marcel Duchamp, também é citada como exemplo. O urinol comum de um banheiro público que ganha visibilidade ao estar na galeria de arte, “ao mudar de lugar, transformou-se em objeto de arte” (p. 57). Nessa atitude de desafio às regras de um sistema de visibilidade, Duchamp fez aparecer a espacialidade como um dos critérios fundamentais, pois o objeto fora do seu espaço comum, ordinário, cotidiano, em seu contexto

espacial de um banheiro público, ganhou visibilidade ao transpor esse espaço e ser exposto em uma galeria de arte.

Impacto semelhante ocorreu anos atrás com a obra “Déjeuner sur l’herbe” (1863), de Édouard Manet, que, segundo Gomes, institui um novo regime de visibilidade iniciado naquele momento com a sua exposição, definindo novas narrativas para um novo público – novas espaços de ver (p.68). O mesmo ocorre com o ressurgimento da perspectiva no século XV - um método de representação que significou o nascimento de um novo olhar sobre o mundo (p. 81).

Gomes aborda ainda a diferença de regimes de visibilidade entre lugares e épocas distintos, divergindo inclusive quanto à morfologia e ao ambiente em que as imagens estão expostas e quanto à narrativa e ao público a quem se dirigia a arte. Neste sentido, cita como exemplo o regime de visibilidade egípcia e o da era moderna, pois, enquanto nos lugares de exposição na modernidade as imagens competem por visibilidade, na arte egípcia não há propriamente observadores, não servem à contemplação, nem à admiração.

Ao longo de toda esta primeira parte, o autor se utiliza de vários elementos das artes visuais para dar visibilidade ao espaço, entre eles a análise de obras de arte (“Déjeuner sur l’herbe” – Édouard Manet, “A fonte” - Marcel Duchamp, “Festa Campestre”- Ticiano, “Julgamento de Paris” – Rafael Sanzio, “Moças às margens do Sena”- Gustave Coubert, “Monalisa”- Leonardo da Vinci, “O geógrafo” – Jan Vermeer, etc.), de filme (“Cidade de Deus” - Fernando Meirelles), da arquitetura moderna (Brasília [p. 108], a construção da cidade moderna de São Petersburgo pelo Czar da Rússia, Pedro I, no início do século XVIII [p. 105], as transformações de Paris e Nova York no século XIX [p. 108], etc.), da literatura (“O Código da Vinci” - de Dan Brown), e de narrativas no geral (a exposição das barracas vermelhas à margem do Canal Saint-Martin, em Paris, em 2006 [p.41], episódio no mês de março de 1498 na Praça de Signoria, Florença, [p.93], o resgate da imagem da cidade de Roma no século XVI a partir de uma imagem positiva da experiência visual que estava sendo ameaçada [p. 100], etc.).

Para o autor, “a Modernidade redefine assim o quadro dos novos regimes de visibilidade” (p. 108).

A imagem como artefato positivo e negativo (a idolatria e a desconfiança difundidas por muitos autores influentes a respeito das imagens) também aparece no texto, que também traz elementos sobre como as formas de exposição e produção dessas imagens têm mudado com as novas tecnologias, em que o virtual tomou a aparência e o lugar do real nas sociedades contemporâneas e os observadores tornaram-se produtores de imagens. Neste sentido, Gomes

cita como exemplo a exposição “Les Halles, le nouveau coeur de Paris” (p. 156-164), em que se cria um novo modelo de visibilidade relacionado às imagens digitais.

Ao longo da primeira parte do livro, o autor se vale dos mais variados e originais exemplos para demonstrar como “[...] esses regimes de visibilidade regulam o olhar, como olhar. Eles criam os lugares do olhar e o olhar dos lugares” (p. 182).

A segunda parte do livro - “No olho da rua: visibilidade e espaços públicos” – é toda ela dedicada à discussão da relação entre os espaços públicos com a visibilidade. O autor afirma que os espaços públicos são por excelência espaços de exposição de pessoas, grupos e objetos, ou seja, alcança-se maior visibilidade ao se estar exposto em um espaço público. Para tanto, o autor cita a concentração de empregadas domésticas filipinas em torno do *Bank of China* (p. 183-184), ou seja, “espaços públicos são os mais importantes espaços de exposição” (p. 202). Alguns desses espaços públicos urbanos concentram significações que permitem a construção de uma imagem positiva, os quais por sua vez ganham centralidade, sendo espaços de exposição, de concentração de pessoas e grupos diversos.

Neste tipo de contexto, as grandes cidades e metrópoles contemporâneas se mostram como importantes produtores de cenas e de experiências muito intensas, no que se refere à densidade visual e sonora oferecida nesses espaços de grande visibilidade. Grandes centros urbanos geram novos modelos de visibilidade, os quais estão associados às diferentes experiências vividas na vida cotidiana desses centros. Um exemplo citado pelo autor é a experiência que o visitante pode vivenciar na exposição “Les Halles, le nouveau coeur de Paris, no Pavilhão do Arsenal.

Na análise, Gomes se mostra contrário à ideia de cronologia imposta em algumas análises (p. 209-219), afirmando que esta pode ser uma “prisão analítica”, que a contextualização é necessária - uma vez que não se é capaz de sustentar a independência dos processos em atividade na vida social sem a fundamental contextualização, mas “quando transformada em esquematização periódica, retira a inteligência da análise em prol da estreita classificação” (p. 217).

Nesta parte do livro, o autor apresenta a figura do *Flâneur* como personagem que compõe a cena urbana e ao mesmo tempo exerce a visibilidade, pois concomitantemente ele é parte da cena urbana e se mantém distante e contrário à lógica urbana da pressa, ao observar a cidade de forma incógnita e no seu próprio ritmo, parecendo ocioso, quando as pessoas nas cidades estão sempre ocupadas, sem tempo e apressadas.

Na Conclusão, intitulada “Um lugar para a observação: olhares geográficos”, o papel da observação é reforçado, sendo esta entendida como fundamental para a análise e percepção

dos novos regimes de visibilidade. A observação de diferentes cenas nos espaços públicos gera descobertas, também se aprende com elas, tendo em vista o papel pedagógico dessas imagens. Ao se analisar determinadas imagens, familiariza-se com o exercício da observação, tão fundamental ao geógrafo.

Enfim, o livro é leitura obrigatória para se vir a entender a natureza dos regimes de visibilidade e da sua relação com a espacialidade - uma obra fundamental para os novos tempos da Geografia Contemporânea.

Em tempos de intensa produção de imagens e sua banalidade, a presente obra se faz leitura obrigatória ainda para os geógrafos que buscam melhor entender como os lugares, objetos, fenômenos e narrativas podem ter maior visibilidade a partir de sua posição no espaço. Uma obra inovadora, a “geografia da visibilidade” rompe com a atitude de desconfiança das Ciências Sociais para com a imagem, considerada como dispositivo de persuasão e vigilância.

REFERÊNCIA

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.